

Conclusão

As escolas de samba passaram por muitas transformações ao longo do século XX e início do século XXI. Muitas delas foram identificadas como modernização, como é comentado por boa parte dos meios de comunicação quando tratam das agremiações, principalmente no período que se segue após os desfiles realizados no sambódromo do Rio de Janeiro, já que a visibilidade das mesmas é retratada pelo espetáculo que muitos presenciam na avenida e também pelas imagens transmitidas pela rede de TV. Todavia, não podemos esquecer que as escolas de samba são muito mais que os desfiles, são espaços de vivência e pertencimento de uma comunidade específica, que é a comunidade que forma as escolas de samba.

As escolas de samba são, ao mesmo tempo, a ausência e a presença, porém, devemos relativizar essas expressões quando nos referimos a essas agremiações, já que são presença não só para a metrópole carioca, mas também para o mundo inteiro durante o período carnavalesco, e são ausentes em boa parte do ano, quando a visibilidade da festividade do carnaval não está acontecendo. Há, no entanto, uma boa parcela da população que vivencia a escola de samba, não somente como um espetáculo, mas como um lugar que promove trocas de experiências que são realizadas no cotidiano das agremiações. Portanto, para comunidade envolvida com a escola de samba, ela é sempre presença. Nessa afirmação, podemos observar aquilo que foi chamado na pesquisa de contexto do samba e contexto do carnaval, já que nessas duas situações as representações sobre as escolas de samba são diferentes, porém complementares, porque não há um conflito, pelo menos no contexto atual, pois tanto sambistas como sambeiros fazem parte tanto do mundo do samba quanto do mundo do carnaval.

Uma importante análise é a contribuição das escolas de samba com relação a noção de comunidade. A comunidade aqui é vista sob o ponto de vista da coesão, onde os laços de vizinhança são fundamentais para explicar a sua importância. Essa noção de comunidade está presente, talvez de forma até intuitiva nos meios de comunicação quando anunciam as agremiações durante o desfile. Quando a Portela vai entrar na avenida é colocada como a agremiação da

comunidade de Oswaldo Cruz e Madureira, e, na realidade, não é uma escola de samba somente de seus bairros, mas sim extrapola a sua vizinhança próxima. Ela pertence aos portelenses, que tem nos seus símbolos, elementos que identificam todos aqueles que amam e vivenciam essa importante escola de samba da metrópole carioca.

A noção de comunidade em escola de samba está relacionada não à vizinhança, mas aqueles que vivenciam e pertencem a escola de samba, que tem nos seus símbolos uma identidade. Ser da comunidade portelense não é morar em Oswaldo Cruz e Madureira, mas ter nessa tradicional agremiação carioca um espaço de representação, que é um espaço vivido por meio de associações de símbolos. As escolas de samba não são espaços dos usuários, mas sim dos “usadores”, pois estar na quadra da Portela não é somente se apropriar do espaço físico, mas fazer um uso simbólico dos objetos presentes nesse espaço.

Apesar de todas as transformações pelas quais as escolas de samba passaram, continuam sendo representações dos locais onde estão situadas, e é possível dizer que a Portela é uma das representações de Madureira, pois dá visibilidade ao bairro, assim como faz com que uma das identidades muito comum sejam dadas ao bairro suburbano da Central, seja de “espaço de samba”. Sendo a Portela uma das representações desse lugar, ela dota esse espaço de significado, porque essa é uma das funções das representações, por símbolos e esses símbolos e os símbolos da Portela são símbolos de Madureira, unindo o local ao lugar, pois todos os objetos simbólicos que estão diretamente vinculados a agremiação azul e branco vão estar vinculados ao bairro do subúrbio carioca.

As representações sobre a Portela estão baseadas no plano do vivido, onde a escola de samba é um espaço que está diretamente relacionado a categoria lugar, pois nele temos uma troca de experiências que vão estar vinculadas ao afetivo e ao pertencimento das sua comunidade em relação a ele. Com o que foi exposto é possível afirmar que a quadra da Portela é lugar, já que as relações que vão permear esse espaço vão estar diretamente vinculadas ao afetivo, ao pertencimento que os portelenses apresentam não somente à quadra, mas também a todos os valores simbólicos que são perceptíveis em Madureira. Portanto, fazer uma análise da Portela enquanto lugar é falar dela como um espaço de

representação, onde as práticas sociais vão ser muito importantes para observar o seu espaço como uma simbiose em ter o lugar que é representado pela sua quadra e o local, o bairro de Madureira, onde está situada a Portela.

Falar em uma escola de samba, portanto, não é mostrar somente o sambanredo, o samba de quadra, a celebridade e as baianas da escola, dos turistas e daqueles que são frequentadores da agremiação, mas com seu contato no lugar passa a fazer parte, é ao mesmo tempo o sambista e o sambeiro. As escolas de samba são um desses espaços que podem revelar a força do lugar, como espaço de representação e toda simbologia que as envolve. Portanto, a Portela está repleta de significações, de experiências, de conflitos, de certezas e incertezas, porém é possível afirmar uma certeza primordial, a Portela em Madureira é um lugar.

Diante dos dois contextos que foram apresentados sobre as escolas de samba, ou seja, o contexto do samba e o contexto do carnaval, é possível perceber duas racionalidades diferentes que cercam as agremiações uma econômico-funcional e outra emocional simbólica. É importante ressaltar, porém que essas duas racionalidades não se anulam, porque não são concorrentes nas agremiações. A própria sustentabilidade das escolas de samba se deve a complementaridade dessas duas racionalidades presentes nas agremiações do Rio de Janeiro.

Partindo da premissa de que as escolas de samba estabelecem múltiplas relações, que vão compreender diferentes sujeitos, essas instituições podem ser promotoras de sustentabilidades. Através do que foi exposto, é possível estabelecer uma lógica para sustentabilidade nas agremiações seguindo um modelo que una as duas formas de sustentabilidade.

Observar a sustentabilidade nas escolas de samba, ou melhor, suas práticas sociais sustentáveis é definir as suas duas lógicas. Uma delas é a que procura manter as tradições da agremiação, como é o caso do Pagode da Família Portelense realizado todo primeiro sábado de cada mês. Esse evento é comandado pela Velha Guarda, que talvez seja o maior símbolo da agremiação de Madureira. Os integrantes da Velha Guarda têm um papel muito importante na agremiação, já que são os guardiães da Portela, pois são os principais detentores dos conhecimentos sobre a agremiação.

As escolas de samba têm a potencialidade de revelar uma ética que pode ser dita como ambiental, porque valorizam o lugar onde estão inseridas, os valores simbólicos que fazem parte desse espaço enquanto instituição e ao mesmo tempo não podem deixar de lado uma lógica econômica e funcionalista, pois vai ser a dialética entre essas duas racionalidades que vai fazer das escolas de samba um espaço sustentável, que ao mesmo tempo que temos as relações baseadas no vivido, nas experiências realizadas a partir das trocas cotidianas, as agremiações são concebidas na metrópole carioca como espaços que tem uma lógica econômica, sendo promotoras de grandes espetáculos que atraem uma grande quantidade de turistas para nossa cidade.

Nesse contexto, a Portela revela uma dinâmica social em que ao mesmo tempo em que ela é sujeito também é objeto. Um sujeito celebrado e um objeto celebrante no cenário carioca, mas que apresenta grandes potencialidades sociais, culturais e econômicas e que através das suas representações enquanto importante agremiação da cidade do Rio de Janeiro revela tradições que vão dar a essa agremiação uma singularidade, mas ao mesmo tempo dão a ela um enorme capital simbólico, porque a agremiação de Madureira utiliza muito bem toda sua simbologia para se fazer expressar na metrópole carioca. Enfim, podemos entendê-la como local e global, como tradicional e moderna, porém, até mesmo suas tradições vem sendo incorporadas no espetáculo, unindo dois contextos o do samba e do carnaval, do sambista e do sambeiro e, por isso mesmo podemos ver nessa agremiação uma forma de sustentabilidade multidimensional, dialogando com diferentes racionalidades e formando uma única e singular escola de samba na cidade do Rio de Janeiro.